



## UMA VIDA SEM TRADUÇÃO: ARIEL DORFMAN E SUA VIDA DUPLA

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1213>

Valéria Brisolara<sup>1</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
(valeriabrisolara@yahoo.com)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar e relacionar o ensaio “Footnotes to a double life” e as narrativas de memória *Heading south, looking north: a bilingual journey* e *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*, usando-as como ponto de partida para uma discussão sobre tradução, mobilidade linguística (BRISOLARA, 2010) e memórias de linguagem (PAVLENKO, 2006). A questão principal, na perspectiva adotada, recai sobre a construção, ou reconstrução de uma autoria, de uma voz autoral, no cruzamento entre as duas línguas. (BRISOLARA, 2017).

**Palavras-chave:** Tradução; linguagem; mobilidade linguística; memórias de linguagem; Ariel Dorfman.

### A LIFE WITHOUT TRANSLATION: ARIEL DORFMAN AND HIS DOUBLE LIFE

**Abstract:** This article aims at presenting and relating the essay “Footnotes to a double life” and the memory narratives *Heading south, looking north: a bilingual journey* and *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*, using them as a starting point for a discussion on translation, linguistic mobility (BRISOLARA, 2010) and language memories (PAVLENKO, 2006). The main issue, in the perspective adopted, and that has guided our studies, focused on the construction or reconstruction of authorship, of an authorial voice, at the merger of these two languages. (BRISOLARA, 2017).

**Keywords:** Translation; language; linguistic mobility; language memories; Ariel Dorfman.

### UNA VIDA SIN TRADUCCIÓN: ARIEL DORFMAN Y SU DOBLE VIDA

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar y relacionar el ensayo “Footnotes to a double life” y las narrativas de la memoria *Heading south, looking north: a bilingual journey* and *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*, usándolas como punto de partida para una discusión sobre la traducción, la movilidad lingüística (BRISOLARA, 2010) y las memorias lingüísticas (PAVLENKO, 2006). La cuestión principal, en la perspectiva adoptada, recae en la construcción o reconstrucción de una autoría, de una voz autoral, en la intersección de los dos lenguajes. (BRISOLARA, 2017).

**Palabras clave:** Traducción; idioma; movilidad lingüística; memorias del lenguaje; Ariel Dorfman.

“A língua que falo, torna-se minha.”<sup>2</sup>

KAMALA DAS

<sup>1</sup> Bacharel em Letras-Tradução (UFRGS). Doutora em Letras (UFRGS). Professora do Curso de Letras da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: valeriabrisolara@yahoo.com.

<sup>2</sup> No original, “The language I speak, becomes mine” (DAS apud KELLMAN, 2003, p. 5).



## 1. INTRODUÇÃO

As últimas décadas têm sido marcadas pela inclusão de vozes e ruídos nas narrativas de língua inglesa contemporânea com um número cada vez maior de escritores com vidas e produções literárias caracterizadas pelo deslocamento, pelo abandono de uma língua e terra maternas e pela adoção de uma nova língua de escrita. Vários escritores, dentre eles Julia Alvarez, declararam terem se voltado à escrita após o contato com uma língua não-materna, após ouvirem os ruídos dessa língua e serem trespassados por seus significantes. Eles têm se apropriado da língua inglesa e atraído um número crescente de leitores com suas ficções. Pode-se ver esse cenário como a revanche daqueles que por muito tempo foram acusados de não perderem o sotaque. Agora, com suas obras, parecem dizer: aprendemos a fazer uso do nosso sotaque, da nossa voz, daquilo que por muito tempo fomos estimulados a apagar. Como exemplo marcante, temos o fato de que há um número significativo dentre os ganhadores de prêmios literários relevantes, tais como o Booker e o Nobel nas últimas décadas, de escritores que escrevem em uma língua adicional. Destacam-se autores conhecidos como Richard Rodrigues, Eva Hoffman, Julia Alvarez, Chang Era Lee, Michael Ondaatje e mesmo Kazuo Ishiguro e ainda autores que despontam na cena como Gary Shteyngart, Lena Gorelik, e Lara Vapnyar.<sup>3</sup> Esse dado remete a seus deslocamentos linguísticos, mas também indica um desejo de ser ouvido, um desejo de falar a língua do outro e torná-la sua. Paralelamente a isso, há um crescimento de obras literárias que tematizam fronteiras, limiares, limites, conflitos.

Ariel Dorfman é um desses escritores. Meu primeiro contato com a sua escrita foi através do ensaio *“Footnotes to a double life”*. Nesse ensaio, publicado na obra *The Genius of Language*, de Wendy Lesser (2004), autores que escrevem em uma língua não-materna foram convidados a produzirem um ensaio reflexivo sobre

---

<sup>3</sup> Para dados detalhados, consultar a excelente Selective Bibliography of Translingual Literature elaborada por Kellman e Lvovich (2015).

escrever em uma língua adicional<sup>4</sup>. Em seu ensaio, Dorfman relata a sua vida entre línguas e a sua dificuldade em decidir em que língua escrever suas memórias, por escrever tanto em inglês quanto em espanhol e por, frequentemente, recorrer às duas línguas conjuntamente.

Dorfman, como muitos dos escritores na coletânea organizada por Lesser, é um escritor contemporâneo frequentemente identificado como estadunidense, por residir e publicar nos Estados Unidos, apesar de ter nascido na Argentina, acidentalmente, como declara, e ter vivido grande parte de sua vida alternando-se entre o Chile e os Estados Unidos. Dorfman tem o espanhol como a língua de seus pais, e, talvez, sua primeira língua, mas escreve e publica tanto em inglês quanto em espanhol, deslocando-se entre as duas línguas e recorrendo a recursos das duas. Sua aparente facilidade em alternar-se de uma língua para outra ao longo de sua carreira literária é também um dos temas centrais de sua obra. No entanto, essa facilidade é apenas ilusória, pois seu deslocamento geográfico e linguístico não é indolor, como tematizado em todas as suas obras, e explicitado em *“Footnotes to a double life”*.

O relato oferecido nesse ensaio sobre sua vida dupla vem depois que já era um autor consagrado em língua inglesa, e, ao deparar-se com o convite para escrever sua autobiografia, viu-se em um dilema: em que língua deveria escrever suas memórias? Deveria escrever no espanhol, língua de seus pais, país de origem e infância, ou no inglês, que havia adotado na adolescência e que o havia adotado? Nesse ensaio, Dorfman (2004, p. 16) coloca questões que havia se perguntado, como: “Qual das línguas é mais bem equipada para contar uma determinada história?”<sup>5</sup> Questionando-se sobre o papel que cada língua ocupava em sua vida, e incapaz de decidir em que língua escrever suas memórias, decide escrevê-las em

---

<sup>4</sup> Apesar de Lesser não usar o termo língua adicional, há uma tendência em adotar o termo língua adicional. Essa tendência está relacionada não só a uma mudança no panorama linguístico mundial, mas também a uma maneira diferente de perceber o processo de aprendizagem de línguas e os efeitos desse nas identidades dos aprendizes. Assim, por questões epistemológicas, adoto o termo. Para mais explicações, consultar Brisolara (2012).

<sup>5</sup> Todas as traduções são de minha autoria. No original, “Which is better equipped to tell a particular story?” (DORFMAN, 2004, p. 16).

inglês, por sugestão de seu editor. A obra foi lançada em 1998 com o título de *Heading south, looking north: a bilingual journey* e seu título remete tanto ao seu deslocamento geográfico quanto ao linguístico e à sua trajetória bilíngue.

Essa obra de Dorfman tornou-se um sucesso editorial em países de língua inglesa, o que levou à solicitação de que fosse traduzida para outros idiomas. No caso da tradução para o espanhol, Dorfman decide ele mesmo fazê-la. No entanto, logo percebe a dificuldade de realizar essa autotradução. Como se autotraduzir? Como traduzir a si mesmo e a sua história? Conforme Dorfman afirma (2004, p. 208), sua narrativa memorial em língua inglesa era o efeito da relação de Ariel, nome e identidade que havia adotado nos EUA ainda adolescente, sua memória e a língua inglesa. Seu nome de nascimento era Wladimiro, um nome de origem russa, como seus pais. Talvez Wladimiro, o menino nascido em um país de língua espanhola, falante de espanhol, tivesse uma história diferente para contar. Dorfman decide então fazer mais do que se autotraduzir: rescrever as suas memórias em língua espanhola, a partir das perspectivas que a língua espanhola lhe oferecia. Essa obra foi lançada com o título de *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*. Mesmo o título da obra já apresenta mudanças significativas, remetendo ao seu deslocamento.

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo apresentar e relacionar as obras *Footnotes to a double life* e suas duas narrativas de memória *Heading south, looking north: a bilingual journey* e *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*, usando-as como ponto de partida para uma discussão sobre tradução, mobilidade linguística (BRISOLARA, 2010), conceito que desenvolvi usando Dorfman como exemplo, e memórias de linguagem (PAVLENKO, 2007). A questão principal, na perspectiva adotada, e que tem norteado os estudos, recai sobre a construção, ou reconstrução de uma autoria, de uma voz autoral, no cruzamento entre as duas línguas (BRISOLARA, 2017).

## 2. CONTEXTO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS



Temos uma inegável necessidade de contar e ouvir histórias; no entanto, para Said, na literatura contemporânea, frequentemente o desejo de contar algo parece ser mais importante do que a história a ser contada (SAID, 1983, p. 132). Dessa maneira, o foco sai da narrativa em si para a maneira em que a história é contada, para os detalhes subjetivos e marcas autorais adicionados a ela, ou seja, as vozes que emergem ao contar a história.

Essas vozes, com sotaque, têm mudado a literatura em língua inglesa e, em especial, a estadunidense. Destacam-se obras como *Hunger of Memory*, de Richard Rodrigues (1982), *Lost in Translation: a life in a new language* (1989), de Eva Hoffman, *Something to Declare* (1998), de Julia Alvarez, *Native Speaker*, de Chang Era Lee (1995), e *Heading North, Looking South: a bilingual journey* (1998) de Ariel Dorfman.

O que chama atenção é que muitas dessas obras produzidas em língua inglesa como uma língua adicional são de cunho autobiográfico ou memorial, enfatizando aspectos relacionados ao processo de aprendizagem de uma língua adicional e a posterior transformação dessa língua em uma língua de escrita, ou seja, à construção ou reconstrução de uma autoria em uma língua adicional. Esse voltar de olhos para o passado, a fim de seguir em frente, fez com que alguns desses autores produzissem narrativas tematizando a sua condição que foram chamadas de autobiografias, ou memórias de linguagem, por Pavlenko (2006). A publicação dessas narrativas de cunho memorial, incluindo diários, memórias e autobiografias, tem ganhado cada vez mais a atenção dos leitores e pesquisadores. Da mesma maneira, também tem havido um incremento na publicação tanto de obras ficcionais, quanto de não-ficcionais escritas em uma língua adicional, assim como no número de prêmios concedidos a autores escrevendo em uma que seria a sua materna (KELLMAN; LVOVICH, 2015).

Vários autores, quase todos escrevendo em uma língua adicional, dedicaram reflexões sobre a escrita em uma língua não-materna. Criaram vários conceitos. Georges Steiner, por exemplo, que afirma ter três primeiras línguas, criou o conceito de “Literatura Extraterritorial” e dedicou uma obra inteira a ele. Surgiram

também conceitos como o de “Literatura Migrante”, “Literatura de Exílio” e, mais recentemente, o de “translinguismo literário”, elaborado por Steven Kellman (BRISOLARA, 2010). Kellman (2003, p. ix) define o translinguismo literário como: o fenômeno de autores que escrevem em mais de uma língua, ou pelo menos em uma língua que não é a sua língua materna. O autor cita como exemplos escritores como Joseph Brodsky, Samuel Beckett, Salman Rushdie, Joseph Conrad e Vladimir Nabokov (KELLMAN, 2003, p. ix). Segundo Kellman, todos esses autores movimentam-se por vários universos linguísticos e sua posição entre línguas possibilitou que desafiassem os limites de seu próprio meio literário (KELLMAN, 2003, p. IX).

Conforme apontado anteriormente (BRISOLARA, 2010, 2017), os conceitos citados têm muito em comum, pois por trás de todos está a noção de que esses autores são sujeitos que se deslocam tanto geograficamente, como linguisticamente. Esse fenômeno foi identificado, nomeado e descrito em “Mobilidade linguística” (BRISOLARA, 2010). Tal conceito relaciona-se ao de Translinguismo Literário desenvolvido por Kellman; no entanto, quando o conceito de mobilidade linguística foi cunhado, o objetivo era fornecer um conceito mais amplo, na medida em que não se aplicaria somente a autores de obras literárias, mas também a todo e qualquer sujeito que se moveria por e entre línguas e acabaria escrevendo em uma língua que não seria sua primeira língua.

Kellman (2003, p. XIV) lembra-nos de que “não somos só feitos de carne e osso, mas também compostos por e de palavras”<sup>6</sup>. Por isso, na sua perspectiva, “trocar de língua implica transformar a si mesmo”<sup>7</sup> (KELLMAN, 2003, p. XIV). Kellman usa o verbo “*switch*” e, em língua inglesa, o termo “*code switching*” é bastante usado para fazer referência ao fenômeno da “alternância de código linguístico”. O verbo “*switch*” em inglês significa trocar, alternar, mudar. Gradativamente, esse termo vem sendo substituído por outros, como “*code mixing*”, “*code meshing*”, ou, mais recentemente, “*translanguaging*”, que parecem representar melhor o que acontece

---

<sup>6</sup> No original, “As much as flesh and blood, we are composed of and by words. (DORFMAN, 2003, p. XIV).

<sup>7</sup> No original, “switching the language entails transforming the self” (DORFMAN, 2003, p. XIV).

na medida em que falantes não simplesmente trocam de uma língua para outra como se estivessem apertando um botão, mas fazem uso de recursos de todas as línguas que falam. Uma análise das obras de Dorfman revela que a questão não é a simples escolha, ou alternância, entre o inglês ou o espanhol, pois além de não ser possível separar totalmente as duas ele recorre às duas. Sua escrita em inglês sempre mostra traços do espanhol e sua escrita em espanhol traços do inglês.

Kellman faz referência ao termo “switch” *Switching Languages* (2000), ao reunir uma coleção de artigos escritos por autores que escrevem em uma língua adicional, similarmente ao que propôs Lesser (2004) em *The Genius of Language*. Em ambas as obras, os autores são convidados a refletirem sobre o seu deslocamento e sobre o escrever em uma língua adicional. O conjunto das narrativas confirma a hipótese de Nina de que o deslocamento provoca um certo “desconforto geográfico e linguístico” que certamente deve ter efeitos na ficção produzida (NINA, 2003, p. 51).

Kellman (2003, p. XVI) também nos lembra de que “alternar entre línguas é a maneira natural de negociar um universo heterogêneo”<sup>8</sup>, pois a maior parte dos escritores não trocou de língua sem ter uma motivação que os levasse a essa troca. Esse enorme grupo de escritores deslocados é composto, em grande parte, por exilados, como o caso de Dorfman, que era filho de imigrantes russos que primeiro foram para argentina e depois para o Chile, e depois Estados Unidos, e assim, foram acolhidos por outro país e língua.

A construção de autoria em uma língua adicional é marcada por esses deslocamentos e conflitos. Pavlenko (1998, p.14) identifica que “Há duas vozes e dois eus que coexistem, pacificamente ou violentamente, reagindo diferentemente a eventos e pessoas, fornecendo respostas conflitantes e contraditórias a questões”. Pode-se dizer que essa autoria emerge a partir do deslocamento geográfico e subjetivo provocado pelo distanciamento cultural e linguístico. A esse respeito, Nina já afirmava que o texto literário pode ser “enriquecido pela confluência de diferentes

---

<sup>8</sup> No original, “switching tongues is the natural way to negotiate a motley universe” (DORFMAN, 2003, p. xvi).

vozes, discursos, e culturas que cercam o universo estrangeiro do autor” (NINA, 2003, p. 53).

### 3. “FOOTNOTES TO A DOUBLE LIFE”

No ensaio “*Footnotes do a double life*”, Dorfman refere a suas duas vidas: a vida em espanhol e a vida em inglês, pois havia alternado períodos em que só usava inglês e outros em que só usava espanhol, em função do contexto em que se encontrava. Em sua escrita, usa de diversas metáforas para expressar a sua relação conflituosa com as suas duas línguas. O ensaio parece uma tentativa de, de certa forma, apaziguar as duas línguas que estavam, nas suas palavras, “o disputando”. No original em inglês, Dorfman (2004, p. 206) usa “disputandome” em espanhol, performando a disputa entre suas duas línguas em sua escrita.

A estrutura do ensaio oferece um estranhamento ao leitor porque, em sua grande parte, é composto por notas, que ganham centralidade no texto, e reverterem a importância tradicionalmente dada aos elementos discursivos. São as notas, com suas digressões, que emergem como o foco do texto, deixando o ensaio em si em segundo plano. O texto inicia com a mesma frase que usou para iniciar as suas memórias em língua inglesa: “Eu não deveria estar aqui para contar esta história”<sup>9</sup> (DORFMAN, 2004, p. 206). Frase esta que Dorfman não usou para iniciar a narrativa em língua espanhola, evitando o modalizador “deveria”. Em espanhol, Dorfman usa um parágrafo mais explicativo e longo, afirmando: “Se estou contando esta história, se a posso contar, é porque alguém, muitos anos atrás em Santiago do Chile, morreu em meu lugar”<sup>10</sup> (DORFMAN, 2001, p. 9). Visivelmente, há uma mudança de perspectiva na sua narrativa em espanhol, com uma reorganização discursiva e uma mobilização, que será explicada em detalhe no ensaio, fazendo com que a versão em espanhol das suas memórias possa ser considerada bem mais do que uma mera tradução, o que o comentário abaixo do título sugere: “Traduzido do original em

<sup>9</sup> No original, “I should not be here to tell this story” (DORFMAN, 2004, p. 206).

<sup>10</sup> No original, “Si estoy contando esta historia, si la puedo contar, es porque alguien, muchos años atrás en Santiago de Chile, murió en mi lugar” (DORFMAN, 2001, p. 9).





inglês pelo autor”<sup>11</sup>. Isso também fica claro na medida em que há muitas outras instâncias similares fazendo com que o texto em espanhol seja bem mais longo do que o texto em inglês. A esse respeito, vale ressaltar que a versão em circulação em língua portuguesa é uma tradução do texto em espanhol, e não da versão em língua inglesa.

Na sua perspectiva, na medida em que Dorfman tentava escrever suas memórias, o espanhol comportava-se abominavelmente quando tentava escrever em inglês (DORFMAN, 2004, p. 207) e suas duas línguas pareciam duas esposas briguentas (DORFMAN, 2004, p. 206) ou duas amantes ciumentas que boicotavam juntas a sua escrita (DORFMAN, 2004, p. 207). O escritor refere-se ao fato de que cada vez que tentava escrever algo, seja em inglês ou em espanhol, independente do que fosse, soava falso, fraudulento (DORFMAN, 2004, p. 207). Assim, de certa maneira, escolher uma língua de escrita para contar a história de sua vida, e da relação problemática entre suas duas línguas, seria favorecer uma das duas línguas em detrimento da outra (DORFMAN, 2004, p. 207). Começa a perceber que talvez a sua língua fosse “uma combinação das duas” (DORFMAN, 2004, p. 208), ou seja, uma língua única.

A partir da decisão oferecida por um terceiro, seu editor, de que deveria escrever em inglês a primeira versão das suas memórias, relata que, para que conseguisse realizar tal empreitada, havia negociado com seu espanhol que iria deixar que ele reescrevesse o livro por inteiro, ou seja, escrevesse a sua versão da sua vida em um momento posterior, que foi o que aconteceu (DORFMAN, 2004, p. 208). No entanto, ao referir-se à sua tentativa de traduzir, ou rescrever, as suas memórias em língua espanhola, alguns anos depois da publicação da obra em língua inglesa, reconhece que: “O espanhol teve que trasbordar as suas palavras dentro de uma casa que o inglês tinha construído. E, todavia, como ficou diferente a casa na medida em que era ocupada pelo espanhol. Não era o mesmo livro”<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Do original, “Traducido del inglés original por el autor”.

<sup>12</sup> No original, “Spanish had to overflow its words inside the house that English built. And yet, how changed was the house as it filled with Spanish. It was not the same book. (DORFMAN, 2004, p. 208).

(DORFMAN, 2004, p. 208). O inglês tinha vindo antes e tinha dado a estrutura do livro, mas não certamente a perspectiva.

Apesar de durante algum tempo da sua vida ter rejeitado o espanhol, dando primazia ao inglês, principalmente nos seus anos de criança e adolescente nos Estados Unidos, Dorfman afirma que em determinado momento “o espanhol tinha começado a me falar”<sup>13</sup> (DORFMAN, 2004, p. 213), referindo a sua volta ao Chile já adulto. Refere às diferentes nuances entre as línguas e ao quanto a palavra esperança, por exemplo, soa diferente em inglês (*hope*) e em espanhol (*esperanza*) com sua ligação com esperar (DORFMAN, 2004, p. 213). Essas diferenças provocam um deslocamento discursivo e subjetivo do sujeito que escreve e Dorfman comenta que questões como “Quem fala inglês?”, “É o mesmo jovem que fala espanhol?” e “Como é que a linguagem corporal muda quando se troca de uma língua para outra?”, “Seria um corpo diferente?”<sup>14</sup> (DORFMAN, 2004, p. 216) o intrigaram durante algum tempo. A esse respeito, ainda o autor afirma que:

A minha memória é, entre outras coisas, uma exploração de como moldamos a história na medida em que ela nos molda, como uma língua nos fala da mesma forma que a falamos<sup>15</sup> (DORFMAN, 2004, p. 209).

Esses questionamentos apontam para a dificuldade de traduzir uma narrativa escrita em primeira pessoa e de carácter memorial, principalmente realizar uma autotradução, intenção inicial de Dorfman. Ainda com relação a essa questão da autotradução, Pavlenko lembra-nos de que a autotradução pode ser dolorosa, e, por isso, muitas vezes autores como Todorov acabam com uma história totalmente diferente quando escrevem em outra língua (PAVLENKO, 2006).

Kellman aponta que nem as línguas, e nem as relações que temos com as línguas, são estáticas, pois os falantes movem-se com ou através das línguas. (KELLMAN, 2000, p. 4). No fim do ensaio, Dorfman (2004, p. 217) afirma que seu

<sup>13</sup> No original, “Spanish was beginning to speak me” (DORFMAN, 2004, p. 213).

<sup>14</sup> No original, “Who is it that speaks Spanish? Is it the same youngster that speaks English? “How is it that your body language changes when you switch from one to the other?” (DORFMAN, 2004, p. 16).

<sup>15</sup> No original, “My memoir is, among other things, an exploration of how we shape history as it shapes us, how a language speaks us as much as we speak it” (DORFMAN, 2004, p. 209)

espanhol havia crescido, mesmo quando deixado de lado, mas que palavras eram insubstituíveis de uma língua para outra. Nas notas finais, misturando inglês e espanhol, ou seja, recorrendo a sua língua única, afirma:

Nesse momento, enquanto componho isso, meu espanhol está sussurrando instruções, sugestões, assoprando ritmos ao longo do caminho, moldando as escolhas da rival. Criando entre as duas, algo que não é nem cem por cento inglês e nem cem por cento espanhol, mas algo bem diferente, que fazia com que ambas crescessem. Eu juro que é verdade. Eu espero que seja verdade. Juro que es cierto. Más bien: espero que sea cierto<sup>16</sup> (DORFMAN, 2004, p. 213).

Assim, Dorfman encerra o ensaio, escrito alguns anos após as narrativas de memória, aparentemente reconciliado entre as línguas e reconhecendo a dificuldade em se autotraduzir.

#### **4. *HEADING SOUTH, LOOKING NORTH: A BILINGUAL JOURNEY E RUMBO AL SUR, DESEANDO EL NORTE: UN ROMANCE EN DOS LENGUAS***

Os títulos das obras atestam a diferença de sua relação com o espanhol e com a história a ser lembrada e recontada através da língua espanhola. Se, em inglês, *Heading south, looking north: a bilingual journey*, temos um título que remete a um sujeito dividido, que se direciona ao sul, quiçá o Chile, esse sujeito olha para o norte, quiçá os Estados Unidos, realizando assim uma jornada bilíngue. Em espanhol, no entanto, *Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas*, no lugar do verbo “olhando para”, está o verbo “desejando”, que é bem mais poético, assim como, no lugar de “uma jornada bilíngue”, o que temos é “um romance em duas línguas”. Dessa maneira, nem mesmo o título foi meramente traduzido, mas sim, reescrito.

---

<sup>16</sup> No original, “At this very moment, as I compose this, my Spanish is whispering instructions, suggestions, blowing rhythms my way, shaping the rival’s choices. Creating between the two of them, something that is not quite one hundred percent English or Spanish, but something quite other, creciendo ambos. I swear it is true. I hope it is true. Juro que es cierto. Más bien: espero que sea cierto. (DORFMAN, 2004, p. 213)



Assim, através das lentes das diferentes línguas, as duas obras memoriais de Dorfman possuem similaridades, mas cada incidente é contado de maneira diferente, na medida em que a língua que usa filtra a percepção das suas experiências. No prefácio à narrativa em língua inglesa, Dorfman afirma: “é minha história, a história de meus muitos exílios e meus três países e das duas línguas que brigavam por minha garganta durante anos e que agora me compartilham”<sup>17</sup>, referindo-se a um certo apaziguamento das brigas após a escrita da narrativa. Dorfman (1999, p. 10) menciona várias vezes os seus muitos exílios e afirma que é a morte e o medo dela que o levam ao exílio, mas que, ao mesmo tempo, as línguas também acolhem, oferecem um lugar seguro para quem as procura em perigo (DORFMAN, 1999, p. 13).

Dorfman relembra-nos de que historicamente, em invasões, o verbo, a palavra, sempre vem primeiro, nomeando e aprisionando. Nas suas palavras, os cativos sempre terminam sendo cativos das palavras de outrem (DORFMAN, 1999, p. 42). Ainda, nas palavras de Dorfman, “você pode se reinventar em uma língua totalmente nova em uma terra totalmente nova”<sup>18</sup> (DORFMAN, 1999, p. 49), ou seja, reconstruir a sua própria identidade. E é isso que de certa maneira faz. Mais tarde, durante seu processo de conciliação das duas línguas, conclui que não se pode esquecer ou renunciar a uma língua (1999, p. 101). Finalmente, já adulto, reconhece a influência do espanhol sobre sua escrita em inglês e a impossibilidade de apagar o espanhol, sua língua materna, de si mesmo, pois essa língua sempre emergia com mais força ainda, mesmo que tentasse a empurrar para o fundo de si mesmo. Mesmo na versão escrita em inglês, a narrativa apresenta vários exemplos em que recorre ao espanhol ou a seus recursos. Similarmente, na versão em espanhol, em outros momentos, recorre ao inglês e a algumas de suas metáforas.

Apesar de serem apresentadas como a mesma narrativa, uma análise revela grandes diferenças discursivas entre as duas obras e prefiro as considerar

---

<sup>17</sup> No original, “it is my story, the story of my many exiles, and my three countries and the two languages that raged for my throat during years and that now share me”. (DORFMAN, 1999, p. 10)

<sup>18</sup> No original, “You can reinvent yourself in an entirely new language in an entirely new land” (DORFMAN, 1999, p. 49).

como duas narrativas distintas, mas ambas de caráter memorial. A fim de sobreviver, Dorfman (1999, p. 270) teve que aceitar que pertencia a duas culturas, que se equilibrava entre as duas em inglês, enquanto em espanhol afirma que “existe no espaço em que ambas culturas se chocam e se encontram” (DORFMAN, 2001, p. 361). Apesar de similares, as duas narrativas apresentam diferenças significativas na maneira em que relata e relaciona-se com os incidentes relatados.

Ambas as narrativas podem ser consideradas memórias de linguagem segundo a definição de Pavlenko (2006), que tem estudado essas narrativas e seu surgimento. Pavlenko as define como obras nas quais autores relatam o seu processo de aprendizado de uma língua adicional e os efeitos desse na sua identidade. Assim, o objetivo ou foco das obras seria contar uma história de vida enfatizando o processo de aprendizado de uma língua e a centralidade desse processo, exatamente o que Dorfman afirma ter feito nas suas narrativas. Nas palavras de Pavlenko, essas narrativas são “histórias de vida que enfatizam as línguas do falante e discutem como e porque essas línguas foram aprendidas, usadas e abandonadas.” (PAVLENKO, 2007, p. 165). Assim, as autobiografias ou memórias de linguagem ofereceriam a possibilidade de reconstruir a própria história a partir da linguagem e de uma nova relação com as línguas que nos falamos, processo que é descrito por Dorfman no ensaio.

Conforme já afirmado, essas narrativas explicitam que ninguém passa inalterado ou sem cicatrizes pelo processo de exposição e aprendizagem de uma língua adicional, pois aprender uma nova língua tem efeitos na construção da identidade (BRISOLARA, 2012). Escrever uma narrativa oferece ao sujeito a possibilidade de recontar e ressignificar a sua história através da língua (BRISOLARA, 2017) e é o que Dorfman faz, não uma, mas duas vezes. Nas suas palavras, se considera “um animal híbrido quando escreve”<sup>19</sup> (DORFMAN, 1999, p. 269). Havia se tornado um “bígamo da língua” e “as compartilhava, assim como elas

---

<sup>19</sup> No original, “hybrid mongrel of language who writes this” (DORFMAN, 1999, p. 269).



o compartilhavam” e havia “casado com as duas”<sup>20</sup> (DORFMAN, 1999, p. 270). Mais uma vez, recorre a uma relação amorosa, um romance, para falar de suas duas línguas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua adicional é como um espelho convexo que nos faz ver tudo de uma maneira diferente. A literatura, por sua vez, feita de língua, provoca identificações e também nos oferece novas possibilidades de ver e ouvir o que se coloca na frente de nossos olhos. Culler, discutindo a importância da identificação, ressalta que “Os poemas e romances se dirigem a nós de maneiras que exigem identificação, e a identificação funciona para criar identidade: nos tornamos quem somos nos identificando com as figuras sobre as quais lemos” (CULLER, 1999, p. 111), identificando claramente uma justificativa para o incentivo à leitura. Culler ainda nos lembra que “A literatura não apenas fez da identidade um tema; ela desempenhou um papel significativo na formação da identidade dos leitores” (CULLER, 1999, p. 110). Isso justifica a importância da leitura de obras de culturas e períodos diversos, com diferentes vozes, na medida em que abrem possibilidades de novos encontros e identificações e também de reflexões sobre as nossas próprias identidades.

Ambas as narrativas de Dorfman, assim como seu ensaio, podem ser consideradas memórias de linguagem segundo a definição de Pavlenko (2006, 2007). Dorfman relata o seu processo de aprendizagem da língua inglesa e os seus efeitos sobre sua identidade. Assim, o foco dessas obras parece ser contar uma história de vida enfatizando o processo de aprendizagem e de uso de línguas e sua centralidade na construção de uma identidade e de uma vida, exatamente o que Dorfman afirma ter feito nas suas narrativas.

---

<sup>20</sup> I became a bigamist of language, how I shared them r they shared me, how I married them both (DORFMAN, 1999, p. 270).



Dorfman não consegue traduzir a sua vida dupla. Percebe que sua vida não tem como ser meramente traduzida, merece ser rescrita em outra língua, com outras metáforas. Escreve a sua vida duas vezes, mantendo o seu sotaque e as expressões na outra língua. As marcas de sua intraduzibilidade. Se a mãe de Dorfman, em inglês, ouvia que “falava engraçado quando falava inglês” (1999, p. 16), na narrativa em espanhol ela ouvia que “falava mal” (2001, p. 25). Dorfman não corre esse risco, pois não é mais vergonhoso ter sotaque, mesmo em uma obra de literatura. As palavras que faltam em uma língua, ou que sobram na outra, não são motivo de vergonha, mas de orgulho, e ganharam destaque na literatura contemporânea através de autores como Dorfman, que resolveram tematizar o seu deslocamento.

## Referências

ALVAREZ, Julia. Something to Declare. In: KELLMAN, Steven. **Switching Languages: Translingual Writers Reflect on Their Craft**. Lincoln: Nebraska University Press, 2003.

BRISOLARA, Valéria. Identidade e construção de autoria em uma língua adicional: as memórias ou autobiografias de linguagem. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 21, n. 42, p. 117-133, 2º sem. 2017.

\_\_\_\_\_. Mobilidade linguística. In: BERND, Zilá. (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Litteralis, 2010.

BRISOLARA, V. S. O ensino de línguas adicionais e a construção de identidade entre-línguas. In: CIDIS - CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, v.1, 2012. **Anais do II CIDIS**, São Luis: EDUFMA, 2012. p. 2143-2151.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DAS, Kamala. Introduction. In: KELLMAN, Steven. **Switching Languages: Translingual Writers Reflect on Their Craft**. Lincoln: Nebraska University Press, 2003.

DORFMAN, Ariel. Footnotes to a double life: In: LESSER, Wendy (Ed.). **The genius of language: fifteen writers reflect on their mother tongues**. New York: Pantheon, 2004.



\_\_\_\_\_. **Heading south, looking north: a bilingual journey.** New York: Penguin, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rumbo al sur, Deseando el norte: un romance en dos lenguas.** Nueva Yorke: Siete Cuentos Editorial, 2001.

KELLMAN, Steve. **Switching languages: translingual writers reflect on their craft.** Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **The Translingual imagination.** Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2003.

\_\_\_\_\_; LVOVICH, Natasha. **Selective Bibliography of Translingual Literature.** L2 Journal, Volume 7, p.152-166, 2015.

LESSER, Wendy (Ed). **The genius of language: fifteen writers reflect on their mother tongues.** New York: Pantheon, 2004.

NINA, Cláudia. **A Palavra usurpada: Exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PAVLENKO, Aneta. Autobiographic narratives as data in applied linguistics. **Applied Linguistics**, v. 1, p. 163-188, 2007.

\_\_\_\_\_. Bilingual Selves. In: PAVLENKO, Aneta (ed.). **Bilingual Minds: Emotional experience, expression, and representation.** Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

\_\_\_\_\_. Second Language Learning by Adults: Testimonies of Bilingual Writers. **Issues in Applied Linguistics**, v.9, n.1, p. 3-9, 1998.

SAID, Edward. On Originality. In: \_\_\_\_\_. **The World, the text, and the critic.** Cambridge: Harvard University Press, 1983.

STEINER, Georges. **Extraterritorial: Papers on literature and the language revolution.** New York: Antheneum, 1971.

Recebido em 21/07/2020

Aceito em 07/10/2020